

ROMARIA DO VÃO DO MOLEQUE COMO TRADIÇÃO IDENTITÁRIA NA COMUNIDADE KALUNGA EM CAVALCANTE-GO

Regilene Batista de Sena

Graduanda do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental
do Câmpus de Arraias/UFT. Pedagoga/Câmpus de
Arraias/UFT. regilene@uft.edu.br



Antonivaldo de Jesus

Professor Adjunto do Curso de Pedagogia do Câmpus de
Arraias/UFT. anjesus@uft.edu.br



Eudemir de Melo Silva

Graduando do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental
do Câmpus de Arraias/UFT. eudemir@uft.edu.br



Identidade Kalunga.
Comunidade
Quilombola. Romaria
do Vão do Moleque

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar um pouco da dinâmica da Romaria do Vão do Moleque, uma das festas populares mais importantes da comunidade quilombola Kalunga no município de Cavalcante, GO. A Romaria é uma manifestação cultural que acontece todos os anos no mês de setembro e é um espaço que favorece o revigoramento da memória e a reconstrução de um jeito de ser, de pensar e de festejar que funciona como âncora identitária da referida comunidade. Durante a Romaria a comunidade homenageia três santos protetores: São Gonçalo, São Sebastião e Nossa Senhora do Livramento. Tais práticas culturais são marcadas pelas levantadas dos mastros, os batizados, casamentos coletivos, escolha dos imperadores, recepção aos participantes da Romaria, preparação das variadas etapas da festa, e pela valorização dada ao festejo pelos moradores. Partindo de uma perspectiva qualitativa e utilizando entrevistas e observações como instrumentos metodológicos, a pesquisa realizada no ano de 2012, evidenciou que a Romaria do Vão do Moleque, enquanto tradição secular é um evento de significativa importância para a manutenção da cultura e da identidade afro-brasileira.

ROMARIA DO VÃO DO MOLEQUE COMO TRADICIÓN DE IDENTIDAD EN LA COMUNIDAD KALUNGA EM CAVALCANTE/GO - BRASIL

Identidad Kalunga.
Quilombo Comunidad.
Romaria do Vão do
Moleque

RESUMEM: El propósito de este artículo es mostrar algunas de las dinámicas de la Romaria do Vão do Moleque, uno de los festivales más importantes del Quilombo Kalunga en el municipio de Cavalcante/GO, Brasil. La peregrinación es un evento cultural que tiene lugar todos los años en septiembre y es un espacio que favorece el fortalecimiento de la memoria y la reconstrucción de una forma de ser, de pensar y celebrar que sirve como ancla de la identidad de dicha comunidad. Durante el festival rinde homenaje a la comunidad tres santos patronos: São Gonçalo, São Sebastião y Nossa Senhora do Livramento. Estas prácticas culturales están marcadas por elevado los mástiles, los bautizados, bodas colectivas, la elección de los emperadores, dan la bienvenida a los participantes de la peregrinación, la preparación de las diversas etapas del la fiesta, y la apreciación dadas a la celebración por los residentes. Desde un punto de vista cualitativo y mediante entrevistas y observaciones como herramientas metodológicas, la investigación llevada a cabo en 2012, mostró que el Romaria do Vão do Moleque, mientras que la tradición secular es un evento significativo importante para el mantenimiento de la cultura y la identidad afro-brasileña.



Envio: 28/05/2018 ♦ Aceite: 30/07/2018

INTRODUÇÃO

Na Comunidade Quilombola Kalunga do Vão do Moleque em Cavalcante-GO ainda são preservadas diversas práticas culturais tradicionais. Este breve ensaio é uma tentativa de mostrar como essas manifestações populares vem acontecendo anualmente na comunidade residente no Vão do Moleque. Para tanto, daremos destaque às dinâmicas da Romaria do Vão do Moleque, uma das festas populares mais importantes dessa comunidade.

É também transmitida por fonte oral a partir das histórias contadas pelos pais, avós, tios, enfim pelas pessoas mais idosas da comunidade. Thompson (1992), diz que a história oral, pode não ser um instrumento de mudança, vai depender muito do enfoque dado a ela, onde a partir de seu uso pode haver transformações, derrubadas e ou revelações de barreiras.

O Kalunga do Vão do Moleque situa-se em meio a vales e em uma região montanhosa, lugar de difícil acesso (Figura 1).



Figura 01: Contexto geográfico - Morro do do Vão do Moleque
Fonte: Sena. R. Obtida em 15/09/2012

Tais dificuldades de acesso podem ser a explicação para a manutenção das tradições culturais desse povo, a exemplo da Romaria do Vão do Moleque, que acontece anualmente entre os dias 12 a 17 de setembro. Esta Romaria é uma celebração secular de cunho religioso católico e é muito significativa para a comunidade, pois possibilita os

reencontros dos parentes e amigos; fortalece as relações de trocas afetivas e de sociabilidades.

Ressalta-se que a Romaria do Vão do Moleque é uma herança africana transmitida de gerações a gerações, sendo ressignificada a cada ano.

CAMINHO METODOLÓGICO

Em trabalhos acadêmicos, dadas as exigências para compor as diferentes partes, inserimos aqui o caminho metodológico que foi seguido para executar o trabalho, resultando na escrita deste artigo.

O estudo foi realizado a partir de técnicas que compõem a pesquisa etnográfica, sendo construída a partir da investigação da manifestação religiosa, presente na comunidade Kalunga. Considerando a natureza do trabalho que trata da identidade e cultura de uma comunidade afrodescendente, é interessante mencionar alguns apontamentos dados por Chizzoti (2008) e André (1995).

Para Chizzotti (2008), a pesquisa reconhece o saber acumulado na história humana e de se investe no interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana. Para a pesquisa qualitativa, o autor enfatiza que por outro lado não tem um padrão único porque admite que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador - sua concepção, seus valores, seus objetivos.

As técnicas da pesquisa etnográfica se apresentam e traduzem da descrição e da observação, da análise do meio, levando em conta as evidências da observação dos elementos e descrição dessas atividades, para a obtenção desses dados.

A etnografia é um sistema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 1995, p. 27).

Nesta mesma linha de pensamento Chizzotti, apresenta a seguinte característica à etnografia.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. (CHIZZOTTI, 2008, p.71).

Chizzotti (2008) parte da concepção que o pesquisador deve permanecer por tempo durável e que se envolva por completo com o campo pesquisado. A intenção é que a partir dessa interação o mesmo tenha compreensão e alcance seus objetivos, mas deixando de lado todos os seus preconceitos e pré julgamentos. Na realidade ele sugere a endoculturação do pesquisador. Para com isso aprender como agem, pensam e sentem os seus pesquisados.

As técnicas utilizadas, além da pesquisa bibliográfica, foram as anotações feitas em campo no diário de bordo do modo vivenciado, observação *in loco* dos fatos e aplicação de entrevistas semi-estruturadas (com entrevistados na própria manifestação religiosa da Comunidade do Vão do Moleque), além dos relatos obtidos em conversas com membros da comunidade. As atividades desenvolvidas e a participação na Romaria foram registrados a partir da fotodocumentação. Os equipamentos utilizados nesta pesquisa foram máquina fotográfica, filmadora e gravador de áudio.

Considerando a manifestação religiosa na Comunidade Kalunga do Vão do Moleque, a periodicidade ininterrupta da realização, a quantidade de pessoas participantes do festejo e a importância dada ao evento pelos membros da comunidade e pelos participantes visitantes, este trabalho tornou-se relevante na medida em que tal festejo pode evidenciar a manifestação enquanto permanências das representações sociais, das territorialidades e da identidade dos componentes desta comunidade enquanto quilombolas.

A partir de tal afirmação é possível entender que há uma necessidade melhor de trabalhar o tema, para que as futuras gerações possam conhecer a formação primaz da Comunidade Kalunga e a que circunstâncias se deram, levando em conta que as culturas são

singulares e heterogêneas. Neste caso não existem dois Kalungas e tão pouco duas comunidades que atribuam sentido igual à mesma manifestação religiosa.

O Kalunga foi se estendendo pelas serras do Rio Paranã, em suas encostas e seus vales, que os moradores chamam de vãos. Como viviam em propriedades mais ou menos isoladas, as famílias se distribuíam com largueza por aquelas terras. Hoje eles ocupam um vasto território que abrange parte de três municípios do Estado de Goiás: Cavalcante, Monte Alegre e Teresinha de Goiás. Nesse território existem quatro núcleos principais de população: a região da contenda e do Vão do Calunga, o Vão de Almas, o Vão do Muleque e o antigo Ribeirão dos Bois. (BRASIL, 2001 b, p. 30).

FESTA E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Várias são as manifestações culturais realizadas pelas comunidades quilombolas, no território brasileiro. Para estas comunidades, a prática religiosa afro-brasileira tem papel de significativo na importância no modo de vida cotidiano. Ayala; Ayala (2003, p. 20) partem da concepção de que “[...] as práticas culturais populares se modificam juntamente com o contexto social em que estão inseridas, sem que isso implique necessariamente sua extinção.” Os autores destacam que as manifestações culturais passam por transformações, por vezes incorporando novos elementos e por vezes rejeitando-os.

A Romaria do Vão do Moleque vem a cada ano aglutinando um maior número de participantes. A dimensão dada a esta manifestação é tão intensa que no período em que acontece entre os dias 12 a 17 de setembro, o aglomerado de pessoas da região, das cidades circunvizinhas, bem como o retorno de membros que se mudaram vem crescendo.

A Romaria do Vão do Moleque traz consigo a identidade e cultura de um povo, os antepassados da Comunidade Kalunga. Neste contexto, Laraia, pontua que;

Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos teóricos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas e assim por diante. (LARAIA, 2009, p. 59).

A partir desta concepção é possível perceber que a discussão do conceito de cultura não está terminada e acabada, pois a compreensão deste significa a compreensão da própria natureza humana. A cultura não funciona como padrão, para as demais comunidades, mas a mesma tem um padrão cultural dentro de sua própria manifestação. A comunidade manifesta suas tradições como repassado por seus antecessores. Quanto às interferências externas cabe a cada uma decidir se aceita ou não, ela se adéqua ao seu tempo e ao seu espaço.

O momento do sorteio é decisivo para a nomeação dos responsáveis pela próxima romaria é momento de suspense, sairão os nomes dos responsáveis em organizar a próxima Romaria. A romaria possibilita o reconhecimento enquanto repertório de ação vinculada à identidade dos Kalungas que está ligada a questão do espaço, do tempo e das festividades que são próprias.

A Romaria do Vão do Moleque é uma manifestação tradicional que acontece anualmente na região Kalunga. Esta festividade faz parte da identidade destes sujeitos, sendo que cada festividade é um pequeno fragmento da composição identitária destas pessoas.

Certamente os grupos aos quais estamos vinculados têm influência em nossa identidade, escolhas, e pensamentos, mas parte de muitas de nossas escolhas e pensamentos é a sociedade que nos conduz. A identidade do povo Kalunga é uma identidade coletiva, formada por um grande laço de parentescos entre grupos. É o mesmo se torna visível quando do acontecimento da Romaria do Vão do Moleque, componentes destas famílias, se afastam de seu respectivo território, por longos períodos, e mais adiante retornam, com o mesmo sentimento de pertença.

Este sentimento está alinhado à questão do território simbólico apontado por Haesbaert. Todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelecem no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais. (2006, p. 86).

Ao discutir a categoria território, Haesbaert (2006) a partir de Sack (1986) entende que este surge a partir da tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir,

influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica.

Com base em Haesbaert (2006), o território nem sempre está ligado à questão de espaço, pode estar ligado também a território concreto e ou simbólico, tecendo sua identidade e suas práticas sociais.

O território seria obrigatório para a sobrevivência humana, onde cada grupo social se identificasse, e esse espaço desse base para a criação da identidade. O território está intimamente ligado à identidade, pois ajuda na construção e modificação do ser. Para os Kalungas, o território foi componente essencial para a preservação da integridade, de cada um, e de suas manifestações. Manifestações essas que perduram até os dias atuais.

Comunidades de diferentes etnias, constroem seus territórios, nem sempre em bases firmes e palpáveis, é notável que muitas se apropriam de símbolos, o que são mais valiosos para manterem suas memórias do que territórios fixos, mesmo tornando-se imprescindível para a sua sobrevivência, no decorrer do tempo.

UM POUCO DE HISTÓRIA DOS KALUNGAS

São várias as teorias a respeito de como surgiu o nome Kalunga. De acordo com o senhor José Cardoso de Souza, o nome Kalunga surgiu de um rio que está situado na fazenda Contenda, Comunidade Kalunga. O nome deu-se através de um comerciante da cidade de Monte Alegre que preferia utilizar essa nomenclatura apenas para facilitar na identificação de seus fregueses. (OLIVEIRA, 2010, p. 14).

Já para Brasil (2001, p. 31) a palavra Kalunga, possui muitos sentidos, que foi incorporada à língua do povo brasileiro.

Quer dizer coisa pequena e insignificante, como o ratinho camundongo que no nordeste do Brasil se chama de calunga ou calita. E quer dizer também pessoa ilustre, importante. E também é o nome de uma boneca que sai nos cortejos dos reis negros dos Maracatus de Pernambuco. E ainda significa a morte, o inferno, o oceano, o senhor, conforme nos diz nos livros. Mas na terra do povo kalunga, calunga é mesmo o nome de uma plantinha (*Simába ferruginea*) e do lugar onde ela cresce perto de um córrego que também tem esse mesmo nome.

Heywood salienta que:

Kalunga é o nome de um quilombo no estado de Goiás. Em 1993, de 2 mil a 4 mil negros viviam em 41 comunidades espalhadas por 2,02 mil quilômetros quadrados em uma região montanhosa próxima a vila de Cavalcante. Esse talvez seja o quilombo habitado permanentemente do Brasil. Diferentemente do famoso quilombo de Palmares, nunca foi destruído. Os africanos talvez tenham vivido lá antes da expulsão dos jesuítas em 1759, porque dois jesuítas que trabalharam no norte de Goiás foram acusados de terem relacionados com os quilombolas. (KARASCH, 1996, p. 258 apud HEYWOOD, 2008, p. 127).

As comunidades quilombolas Kalunga são originárias de homens e mulheres descendentes de escravizados africanos que no contexto da escravidão fugiram dos cativeiros e se organizaram em quilombos localizados na região norte de Goiás. “Toda a área que ocupam foi reconhecida oficialmente em 1999 como Sítio Histórico que abriga o patrimônio histórico e cultural brasileiro”. (BRASIL, 2001, p. 14).

Os Kalungas foram se estendendo pelas serras do Rio Paranã, em suas encostas e seus vales, que os moradores chamam de vãos. Como viviam em propriedades mais ou menos isoladas, as famílias se distribuíam com largueza por aquelas terras. Hoje eles ocupam um território que abrange parte de três municípios do estado de Goiás: Cavalcante, Monte Alegre e Teresinha de Goiás; e no estado do Tocantins nos municípios de Arraias e Paranã. “Nesse território existem quatro núcleos principais de população: a região da contenda e do Vão do Calunga, o Vão de Almas, o Vão do Moleque e o antigo Ribeirão dos Bois. (BRASIL, 2001, p. 30).”

O Kalunga do Vão do Moleque situa-se no nordeste de Goiás no município de Cavalcante.

O Vão do Moleque faz parte do Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga. Karasch (1996 apud Heywood, 2008) aponta que em 1993 eram aproximadamente de 2 mil a 4 mil negros que viviam em 41 comunidades espalhadas por 2,02 mil quilômetros quadrados na região. Em 2008, utilizando levantamento da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Marinho (2008, p. 113), destaca que a população provável é de 3.752 pessoas. São 458 famílias distribuídas em 884 domicílios que compõem quatro agrupamentos principais, além de que a Comunidade é subdividida em 62 povoados.

Em publicação mais recente, Talarico (2011) aponta que o Sítio Kalunga é formado por cerca de 5.000 moradores nas seguintes localidades Engenho II, Vão da Contenda, Vão do Kalunga, Vão de Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois e outras, que se distribuem por três municípios do nordeste goiano, sendo Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre. Este mesmo autor apresenta um retrospecto de acontecimentos históricos que marca a luta da Comunidade Kalunga para a regularização territorial, conforme relacionados a seguir:

1982	Início do Projeto Kalunga - Povo da Terra, de iniciativa da antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, com o apoio da UFG, que representa o primeiro contato com o povo Kalunga.
1984	São feitas melhorias nas estruturas da Capela do Vão do Moleque (Conforme datação nos degraus da Capela).
1985	Primeira titulação e registro de terras para os Kalungas feitos pelo Estado de Goiás.
1988	Promulgação da Constituição que garante, em seu artigo 68, dos Atos e Disposições Transitórias, a posse das terras aos remanescentes quilombolas que estejam ocupando suas terras. Também a Constituição Estadual delimita a reserva Kalunga.
1990	Abertura do processo de tombamento da localidade do Vão do Moleque junto ao IPHAN (nº 1304-T-90), cujo parecer técnico recomenda prospecção arqueológica.
1991	Promulgação da Lei Estadual nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991, que cria Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.
1992	Criação da Associação Povo da Terra, embrião do que é hoje a Associação Kalunga.
1997	Abertura da primeira estrada que liga Cavalcante as terras do Kalunga do Moleque
1999	Construção de uma escola pública municipal no local da Capela do Vão do Moleque para atender as crianças da região.
2000	Portaria nº 40 da Fundação Cultural Palmares, outorgando o domínio das terras demarcadas a favor da Associação Quilombola Kalunga.
2009	No dia 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, o Presidente Lula assina 30 decretos de regularização de terras de quilombos, entre elas as do Kalunga. O que ainda depende da avaliação e indenização dos imóveis desapropriados pelo INCRA para a transferência definitiva aos remanescentes quilombolas.

Fonte Talarico (2011, p.07).

A Comunidade Kalunga ocupa parte dos Estados de Goiás e Tocantins. Em Goiás abrange os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina e, no Tocantins os municípios

de Arraias e Paranã. O reconhecimento da comunidade, enquanto quilombola se deu em 1990, sendo tombado como Sítio Histórico.

Marinho (2008, p. 13,14) ressalta que “a partir do reconhecimento e visibilidade que a comunidade adquiriu, diversas políticas e ‘olhares’ foram implementadas nessas comunidades e passaram a interferir na organização social e consequentemente na dinâmica cultural e identitária dessas comunidades”.

A visibilidade que a comunidade Kalunga adquiriu despertou a curiosidade de pesquisadores, estudiosos e turistas. Devido a esta demanda, tem se notado uma maior atenção, por parte de governantes para essa região.

Tais investimentos são notados a partir do momento que se observa a manutenção de estradas, a presença de brigadistas de incêndio, do Corpo de bombeiros, da Polícia Militar e fornecimento de água (carro pipa) durante a Romaria. Porém, não se pode afirmar que estas ações se tratam de políticas públicas, pois as mesmas só ocorrem no período da Romaria.

FESTAS E TRADIÇÕES NO VÃO DO MOLEQUE

No Kalunga do Vão do Moleque fazer a Romaria é não deixar a tradição cultural morrer. Esta festividade faz parte do modo de viver de cada componente da comunidade, sendo esta uma forma de se identificarem e ao mesmo tempo torna-se uma oportunidade das pessoas se arranjam do ponto de vista econômico, como encontrar um emprego ou também o encontro de um companheiro ou companheira. Porém é marcante o encontro dos membros da comunidade e das comunidades ao redor, além do reencontro daqueles que estão fora das suas comunidades. A esse respeito Pires e Oliveira (2006, p. 22) ressaltam que:

[...] o 'tempo da festa' não se apresenta da mesma forma para todos. A interação dos indivíduos Kalunga com 'o tempo da festa' ocorre de modos diferentes. Para alguns (geralmente aqueles que ficam), o 'tempo da festa' é tempo de rever os filhos, resolver uma questão deixada há muito tempo para trás e, sobretudo, é tempo das alianças que se estabelecem por casamento, que também se explica por motivações de trocas intensas, de fazer negócios, de se manterem atualizados em termo de preço de gado, culturas de banana, de adquirirem melhor compreensão sobre as 'inadequações' das suas terras para o plantio de determinadas culturas, como por exemplo, o feijão.

Em suas narrativas os Kalungas salientam que as festas são heranças dos seus antepassados. Quando questionada como a romaria começou K. J. F. mencionou que:

Essa festa há muitos anos atrás não contava com toda essa movimentação de pessoas, havia maiores participações nas novenas que acontece anteriormente uma semana antes da Romaria. Outro fato relevante é que levantavam o mastro de São Gonçalo do Amarante no mês de junho, daí participantes decidiram fazer a junção dos dois festejos (a levantada do mastro de São Gonçalo do Amarante e Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião no mesmo mês) em uma única Romaria para que as pessoas não precisassem ir ao Vão do Moleque duas vezes ao ano. (Entrevista, 15/09/2012. K. J. F. Povoado Capela, Município de Cavalcante-GO).

O Império consiste em um dos rituais festivos da Romaria do Vão do Moleque e é composto por ações comunitárias expressas pela comunidade que acontece anterior à Romaria. Para a realização do Império é necessário um grupo de pessoas que possam realizar as tarefas e auxiliar o imperador. K. J. F. aponta as pessoas com suas respectivas responsabilidades na execução das atividades.

AÇÕES COMUNITÁRIAS EXPRESSAS PELA COMUNIDADE	
Novenas	Acontece anterior à Romaria. A mesma conta somente com a participação da comunidade e pessoas que moram nas proximidades.
Sorteio dos Componentes do Império	É um momento importante que gera muitas expectativas para se saber quem serão os próximos a compor a equipe para o próximo ano, sendo: 1. Procurador: Pessoa que fica com a responsabilidade de receber uma ajuda de custo dos demais participantes; 2. Anjos: são representadas por duas crianças; 3. Enfeitadeiras: mulheres responsáveis para enfeitar a Igreja e o Salão do Imperador para receberem as pessoas quando da distribuição de alimentos; 4. Imperadores dos Mastros: são os responsáveis pelos levantamentos dos mastros de São Gonçalo, São Sebastião e Nossa Senhora do Livramento. São estas responsáveis por arcarem com todas as despesas relacionadas a esta ação e; 5. Imperador da Romaria do Vão do Moleque: O mesmo é responsável por arcar com toda a despesa no dia do Império inclusive alimentação e bebidas.
Levantamento de Mastros	Acontecem nas seguintes datas: Dia 14 de setembro - Mastro de São Gonçalo; Dia 15 de setembro - Mastro de Nossa Senhora do Livramento e; Dia 16 de setembro - Mastro de São Sebastião.
Batizados	Acontecem todos os anos;
Casamentos	Estes já não acontecem com tanta frequência. Quando da realização da pesquisa houve somente um casamento no ano de 2012. Nos anos anteriores, baseado em relato de moradores houve ano em que foram registrados até oito casamentos em um único dia.
Casamento de Fogueira	Estes aconteciam quando da descida de padres aos sertões. São ações que na atualidade já existem.
Dança Bolé	Manifestada em alguns momentos da Romaria.

Sússia	Manifestada sempre quando da descida e subida do mastro.
Forró (baile)	Acontecem todas as noites tocadas por bandas regionais.

Figura 2. Quadro de ações comunitárias manifestadas pela comunidade. Fonte: Entrevista realizada em 15/09/2012 com K. J. F. Povoado Capela no Município de Cavalcante-GO).

Para Pires e Oliveira (2006), o dia do sorteio do próximo imperador é considerada uma data importante, sendo o mesmo responsável pela próxima Festa do Império. Os preparativos começam desde a anúncio dos nomes dos próximos festeiros e do imperador para o ano seguinte. O sorteio, as cerimônias de batizados e casamentos são realizados dentro da capela de Nossa Senhora do Livramento. Esses atos coletivos acontecem no decorrer da Romaria e evidenciam ações comunitárias que caracterizam as comunidades tradicionais.

Os cerimoniais de casamentos já não acontecem com tanta frequência, como exemplo, em 2012 aconteceu um único casamento. Porém, os batismos têm acontecido em grande número em todos os anos da Romaria. Ainda no ano de 2012 houve cerca de dez batizados. Este é um momento muito aguardado por batizando, pais e padrinhos.

De acordo com as narrativas dos Kalungas a origem do nome Vão do Moleque, é devido ao local ser uma planície rodeada por morros, sendo o principal o morro conhecido por Vão do Moleque (Figura 01). Ainda existem boatos que, quando do primeiro “dono” um senhor bastante rico com muitos escravos residia no local com sua família tinha uma filha muito bonita que se engraçou por um de seus escravos e vice-versa, tiveram relações e ela engravidou, sabendo do ocorrido o pai bastante aborrecido mandar procurar o negro e matá-lo, contam que os outros escravos o avisaram com antecedência e ele fugiu para o dito morro e nunca mais foi visto.

Quanto questionados sobre a origem da Romaria do Império do Vão do Moleque, verifica-se que existem diversas versões. Na tentativa de explicar uma delas, K. J. S. o faz da seguinte forma:

Uma senhora (Chamada Flavinha) que morava na comunidade (Kalunga), resolveu começar a romaria, enquanto estava viva manteve a tradição fez por uns 20, 30 anos. Depois que faleceu o seu sobrinho conhecido por Venço, deu continuação, a mesma. Flavinha foi motivada a começar a romaria, em agradecimento por terem se livrado das pessoas que estavam atacando a sua comunidade, os bandeirantes, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. (Entrevista, em 06/05/2013. K. J. S. Arraias, TO).

De acordo com Pires e Oliveira (2006), a festa teve origem devido à doação do sino da Igreja da cidade de Arraias-TO para a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, situada na Comunidade Kalunga do Vão do Moleque. Os Kalungas afirmam que o Festejo já existia desde antes da chegada do sino e da construção da Capela”. Quanto ao sino é feita a seguinte revelação;

O sino foi o seguinte, um senhor Padre Antônio veio dizer a primeira missa ai em 1840, ai num tinha sino, quando foi em 1841 ele voltou e trouxe o sino e colocou. Esse sino que está lá ate hoje. O padre morava em Formosa-GO, ele veio em 40, num tinha sino e quando foi em 41 que ele veio trouxe o sino e colocou na Capela. (Entrevista, 06/05/2013. K. J. S. Arraias, TO).

Segundo K. J. S. (2013) em 1840 foi realizada a primeira missa pelo Padre Antônio na Capela de Nossa Senhora do Livramento, o mesmo retornando um ano depois, traz para a capela um sino datando de 1841, esse sino permanece até os dias atuais. Ao final de cada romaria o sino é retirado e guardado. Marinho (2008) converge com a afirmação anterior apontando a existência do sino na capela com a data de 1841.

Participar da Romaria do Vão do Moleque tem significado especial para cada membro, às representações ganham diferentes dimensões, estes aspectos vão desde: momento de descontração, reencontro de amigos, parentes e conhecidos. Trata-se de uma tradição cultivada pelos antepassados e mantida atualmente por seus descendentes.

Cada participante atribui sentido próprio à Romaria. Alguns fazem promessas aos Santos e, outros participam agradecendo as graças alcançadas, que vão desde assuntos financeiros até o pagamento da graça a partir de esforço físico, como longas caminhadas até chegar ao local da Romaria e ainda a assistir às missas de joelhos.

Anos atrás, no decorrer da Romaria, era fornecida alimentação sob a responsabilidade do imperador em todos os dias da festa para todos os participantes, porém, devido ao incremento de pessoas na Romaria atualmente ficou impossível fornecer alimentação para todos os presentes.

Esta questão é ratificada a partir do depoimento de K.N.S. que destaca: “Antigamente aqui não era desse jeito que faziam. (O imperador) cozinhava comida para dar ao povo, eram muitas refeições. Não eram iguais aos dias atuais, que distribuem tipo assim

farofa, bolo. Antigamente não. Era comida. (Entrevista, em 15/09/2012. K. N. S. Povoado Capela, Município de Cavalcante-GO).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mais variadas manifestações de culturas existentes em nosso país são celebrações seculares que ao longo dos anos vem tendo ressignificações. As manifestações culturais acabam sendo reelaboradas, mantendo traços do antigo e agregando traços do novo.

A partir do estudo da Romaria dos Kalungas do Vão do Moleque, observando as ações realizadas e o empenho dos membros e participantes é possível inferir que a cultura e a identidade da comunidade ainda são mantidas devido a este acontecimento anual (ininterrupto). São traços que estão sempre presentes nas práticas, nas representações e técnicas. Por sua vez são repassadas de uma geração para outra, sendo recriadas e modificadas com o tempo e também a partir da inserção de pessoas externas na Romaria.

A Romaria por sua vez traz consigo a responsabilidade de promover encontros com o novo (músicas, entretenimento para adultos e crianças, comércio diversos: açougues, bares, mercadinhos) e reencontros entre familiares e também de amigos. Ponto propício para as mais variadas celebrações tanto religiosas quanto profanas e as muitas relações de poder representadas pelos políticos, o que é mais visível em ano de eleições municipais.

É necessário chamar a atenção sobre o ganho de novos significados, ressignificações, das ações coletivas principalmente aquelas relativas à distribuição de alimentos pelo imperador para todos os participantes da Romaria em todos os dias de festejos, a representação de atividades tradicionais como a dança Bolé, a forma de utilização dos rios Esporcos e Curriola devido à presença cada vez maior de participantes na Romaria.

Quanto à utilização de parte do território pelos participantes da Romaria, esta tem como consequência as pressões sobre atributos ambientais como os recursos hídricos. Estas pressões advêm da aglomeração de pessoas nas margens do rio Curriola e a má

utilização do rio Esporcos. Geralmente os participantes deixam dejetos e todos os tipos, como: fezes, embalagens de papéis e plásticas, roupas, garrafas pet, restos de alimentos nas margens e dentro destes rios. Ambos se localizam próximos ao local onde é realizada a Romaria.

Apesar de despejarem todos esses dejetos no rio, o mesmo ainda é utilizado para banhos no decorrer do dia devido às altas temperaturas dessa época do ano. Por estas circunstâncias, levanta-se a questão da representação que o território marcado por suas territorialidades tem na manutenção da identidade dos membros da comunidade.

A partir das observações realizadas durante as Romarias foi possível notar que estas ações são realizadas tanto por visitantes quanto por membros da comunidade. Sendo assim, se faz necessário pensar em ações que promovam sensibilização nos membros e visitantes, com o propósito de melhor utilização destas fontes. O turismo necessita ser ordenado para que possa estar em harmonia com a cultura local. Dentre as interferências, podem ser destacados o som automotivo e a presença de bandas regionais.

Estas vêm substituindo a sanfona, o triângulo, a viola e o violão que tocavam os bailes todas as noites há alguns anos atrás. Dada à circunstância do momento festivo, é válido ressaltar que existem pressões externas e internas nas representações culturais e na manutenção das identidades dos componentes da comunidade quilombola.

Neste sentido, é de suma importância dar continuidade às pesquisas relativas à Romaria de forma que oriente e permita que a comunidade mantenha seus laços territoriais e identitários marcados pela relação comunal entre si e destes com o ambiente.

REFERÊNCIAS

- AYALA, Marcos; AYALA, Ignez Maria Novais. *Cultura popular no Brasil*. 2ª ed. São Paulo- SP: editora ática, 2003. (Série Princípios).
- BRASIL. *Ministério da Educação e Cultura Secretaria de Educação Fundamental*. Uma história do Povo Kalunga. MEC/SEF, 2001b.
- FIGUEIREDO, Luciano. *Raízes Africanas*. - Rio de Janeiro: Sabim, 2009. (Coleção Revista de História no Bolso; 6)
- HAESBART, Rogério. *Territórios Alternativos* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYWOOD, Linda. *Centros-Africanos no Brasil Central, de 1870 a 1835. Quem é o rei do Congo? Um olhar sobre os Reis Africanos e no Afro-Brasileiro no Brasil*. In: Mary C. Karash e Elizabeth W. Kiddy. *Diáspora Negra no Brasil*. Contexto, 2008.p.125-164, 165-191. 28

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zarhar, 2009.

MARINHO, Tais Alves. *Identidade e Territorialidade entre os kalungas do Vão do Moleque*. Goiânia, Dissertação de Mestrado/Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Março. 2008.

OLIVEIRA, Suely Dias. *A Cultura Negra no processo de letramento da comunidade Kalunga*. Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia. Arraias, 2010.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões e OLIVEIRA, Rosy (Orgs). *Sociabilidades Negras*. Comunidades Remanescentes, Escravidão e Cultura. Belo Horizonte: Ed. Gráfica Daliana Ltda, 2006.

TALARICO, Guilherme. *Tradição e pós Modernidade na Festa do Vão do Moleque na Comunidade Kalunga*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo: Junho 2011.

THOMPSON, Paul, 1935. *A voz do passado: história oral*; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WARNIER, Jean-Pierre. *A Mundialização da Cultura*. Tradução Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

